

**SHOAH: A DIALOGICIDADE DA ESCRITA  
COMO ARMA DO TESTEMUNHO**

*Darlene Rodrigues de Freitas* (UFNT)

[darlene.freitas@ifma.edu.br](mailto:darlene.freitas@ifma.edu.br)

*César Alessandro Sagrillo Figueiredo* (UFT)

[cesarpolitika@uft.edu.br](mailto:cesarpolitika@uft.edu.br)

**RESUMO**

O ato de reunir os traumatizantes fragmentos do passado que alguns sobreviventes de catástrofes resultantes de políticas sub humanas optam por silenciar na tentativa de negar e/ou esquecer os horrores vividos ou sobrevividos, enquanto outros se empenham em registrar por meio da escrita, assumindo-se como testemunhas, compõe o discurso da literatura da Shoah. Testemunhos considerados documentos históricos produzidos pela manifestação da memória são discursos que soam, ressoam e ecoam alcançando um público cada vez maior através de livros, artigos e filmes que retratam um passado de atrocidades praticadas por um poder dominante, destruidor até mesmo de identidades. Este trabalho possui como objetivo principal, compreender o ato de construir um lugar de fala, sobretudo do discurso escrito, de testemunhar sobre a destruição de uma raça, adotado por alguns sobreviventes e, no contraponto, compreender o posicionamento daqueles que decidiram silenciar. Dialoga-se a partir das obras *A espécie humana: um relato clássico sobre a vida nos campos de concentração*, Robert Antelme (2013); *É isto um homem?*, Primo Levi (1988) e, esta comunicação fundamentando-se teoricamente pela perspectiva bibliográfica. A elaboração desta pesquisa tem como proposta reflexiva o falar e o silenciar. O fato de trabalhar a temática da Literatura do Testemunho torna-se relevante tanto no âmbito acadêmico e teórico, quanto do ponto de vista social, em virtude de seu discurso exercer uma influência marcante na sociedade hoje globalizada em relação a um passado politicamente sombrio.

**Palavras-chave:**

Silenciamento. Literatura do Testemunho. Memória e escrita.

**ABSTRACT**

The is course of Shoah Literature brings together the traumatizing fragments of the past that some survivors of catastrophes resulting from sub-human politic choose to silence in an attempt to deny and/or forget the horrors experienced or just survived, while to hers strive to register through writing, assuming themselves as eye witnesses. Testimonies considered historical documents produced by the manifestation of memory are discourses that sound, resonate and echo, reaching a growing audience through books, articles and movies that portray a past of atrocities practiced by a dominant power, even destroying identities. This essay aims to comprehend the act of setting up a place of speech, especially of written speech. It also aims to testify about the destruction of a race, the speech which is adopted by some survivors and, in counter point, understanding the position of those who decided to silence. It includes dialogues with the works *“The Human Race”*, Robert Antelme (2013)and *“Survival in Auschwitz”*,

Primo Levi (1988). This communication is theoretically based on the bibliographical perspective. The elaboration of this research carries out a reflexion about speaking and silencing. The fact of working the thematic of the Testimony Literature becomes relevant both in the academic and theoretical scope, as in the social point of view because its discourse exerts a remark able influence on the present globalized society in relation to a politically obscure past.

**Keywords:**

**Silencing. Testimony Literature. Memory and writing.**

## **1. Introdução**

A Literatura do Testemunho surgiu com os primeiros livros publicados a partir da memória dos sobreviventes do nazismo. Detendo um vasto e abrangente volume, os autores desses livros tentaram descrever a rotina servil vivenciada nos campos de concentração. Convém esclarecer que a literatura do testemunho pode ser compreendida como um modo de recriar fatos com base nas memórias de testemunhas que participaram presencialmente de eventos registrados na História ou por terceiros que testemunham por um outro corroborando com o relato dado. Utilizando-se de um amplo material bibliográfico, a referida literatura conta com biografias, relatos, depoimentos e testemunhos que ressaltam os infortúnios dos quais os judeus foram vítimas nos campos de concentração nazistas, sendo atribuído o nome judaico de *Shoah*, cuja etimologia significa catástrofe.

A literatura da *Shoah*, embora tenha alcançado relevância em muitas áreas que a retratam através de livros, artigos, periódicos, caricaturas, filmes, documentários, congressos, observa-se com pesar, um crescente distanciamento da barbárie praticada na II Guerra Mundial em relação ao homem da geração contemporânea. A tentativa de conhecer um pouco mais desse universo onde o homem dominador leva o homem dominado a duvidar de sua condição como espécie humana aliada à necessidade de não deixar que os testemunhos dos sobreviventes morram com eles, motiva essa busca epistemológica. A partir dessa abordagem, interessa, neste trabalho, compreender o ato de construir um lugar de fala, adotado por alguns sobreviventes que se utilizam do discurso escrito para testemunhar acerca da destruição de uma raça a despeito de seus traumas, suas dores, seu passado de memórias cruéis e, no contraponto, compreender o posicionamento daqueles que decidiram silenciar, talvez, na tentativa desesperada de deixar o passado no passado.

Em relação à questão metodológica, este trabalho se fundamenta

pela perspectiva da pesquisa qualitativa mediante revisão bibliográfica à luz dos escritos de autores portadores de vasta experiência na referida área, cujas obras já comprovaram valor literário no cânone da literatura do testemunho. Tais autores fornecem sustentação teórica no dialogismo com as obras *A espécie humana: um relato clássico sobre a vida nos campos de concentração*, Robert Antelme (2013) e *É isto um homem?*, Primo Levi (1988), sob a proposta reflexiva do falar e do silenciar.

## **2. Literatura do testemunho**

Além de *Shoah*, encontra-se a expressão *Testimonio*, versão elaborada na América Latina para o gênero da literatura do testemunho. A despeito do pouco diálogo entre as duas versões, tendo em vista que a *Shoah* discorre sobre a memória testemunhal em associação com a psicanálise e a história, enquanto o *Testimonio* estabelece uma dialogicidade com a memória a partir de um elo com a história e a política, tanto a *Shoah* quanto o *Testimonio* constituem a matriz narrativa da memória e do testemunho como fio condutor essencial (Cf. FIGUEIREDO, 2020). Nesse contexto, as literaturas do testemunho, consideradas como literaturas de resistência, sinalizam que a luta contra as mais variadas e lamentáveis formas de opressão impostas arbitrariamente à espécie humana se dá, também, através da linguagem. Uma linguagem própria, a do testemunho, que retrata um homem inimaginável que desce até o fundo de um poço lamacento onde homem e lama já não podem mais ser distinguidos. Todavia, agarrando-se, tropegamente, em um fio de apego à vida ou repúdio à morte, retorna à superfície. Submerge da lama fétida cujo odor, provavelmente, continuará a ser inalado em sua condição permanente de sobrevivente.

Nesse sentido de sobrevivência indelével, alguns decidem ainda nos campos de concentração, resistir às aniquilações contínuas de si mesmo no universo concentracionário, a fim de contar aos outros, de testemunhar da fome extrema, do trabalho escravo, das torturas, do extermínio de seus pares, da auto-degradação. Acerca de uma das finalidades que leva um prisioneiro a se tornar uma testemunha, lê-se em Agamben (2008) como sendo a possibilidade da sobrevivência. Vivenciar e suportar os horrores de um campo de concentração e/ou as torturas de uma prisão com o firme propósito de testemunhar as agruras sofridas pode ser uma estratégia de luta a favor da vida. Contudo, o filósofo italiano argumenta que “justificar a própria sobrevivência não é fácil, menos ainda no

campo” (p. 25-6). Compreende-se, então, a razão pela qual apenas uma pequena parcela dos prisioneiros que sobrevivem, torna-se uma testemunha enquanto a outra parte prefere silenciar.

Com base na necessidade de narrar através dos escritos de testemunhos, Seligmann-Silva (2008b) cita algumas características básicas constantes nesses escritos, tais como: a tentativa para se libertar do passado de adversidades que insiste em povoar a memória; uma espécie de débito para com os que sucumbiram e que a memória insiste em cobrar; um registro de denúncia da barbárie vivenciada; um tipo de herdade para as gerações posteriores; e, na proporção em que os acontecimentos passados são considerados atroz, um tipo de lembrança monstruosa, o testemunho funcionaria como um ato humanizador.

Partindo desse viés, ressalta-se o pensamento de Agamben (2008, p. 147) acerca do testemunho como sendo uma intimidade incapaz de ser dividida, como

[...] uma potência que adquire realidade mediante uma impotência de dizer e uma impossibilidade que adquire existência mediante uma possibilidade de falar. Os dois movimentos não podem nem identificar-se em um sujeito ou em uma consciência. (AGAMBEN, 2008, p. 147)

Na condição de intimidade indivisível, em conformidade com o autor, o testemunho não pode separar-se nem sequer “em duas substâncias incomunicáveis” (*idem*, 2008, p. 147).

Nessa direção e na posição de vítimas da abominável catástrofe nazista, necessariamente registrada na História do século XX, Antelme (2013) e Primo Levi (1988) fazem uma auto narrativa que se pode denominar, também, de testemunho. Necessário se faz modalizar o sintagma “testemunho” sob a perspectiva da Análise de Discurso do modo como Mariani (2016) o faz quando formula “a ideia de testemunho enquanto transmissão do real que está em jogo em uma experiência analítica, por um lado; e testemunho enquanto relato de experiências (traumáticas) vividas, por outro” (p. 163). Cada um deles narra o horror, testemunha do horror, utilizando-se da única forma que cada um sabe sobre o horror, da forma como o horror significa. Testemunhar, torna-se, muitas vezes, um ato impossível, devido a insuficiência de palavras, na língua, capazes de expressar a experiência vivida. Segundo a autora, “falamos sob o efeito de um resto, sofremos com o enigma das repetições, damos de cara com os equívocos e deixamos desconcertados diante desse lugar a partir do qual respondemos à demanda do Outro” (MARIANI, 2016, p. 166). Desse modo, como testemunhas que não só presenciam, mas vivem o drama,

esses dois sobreviventes, como *superstes e/ou como tersti*, narram suas experiências de dores individuais e coletivas, guardadas no recôndito da visão, da audição, do tato, do olfato, do paladar. Isto é, os sentidos do corpo, assim como os sentidos da alma ativam a memória conectada a cada vicissitude experienciada em diferentes campos de concentração.

### **3. Análise das obras e o verbo silenciar**

Ao apresentar *Se questo è unu omo*, título original da obra de Primo Levi (1988), Oliveira (2013) diz tratar-se de alguém interessado em falar ao público indiferente ao universo dos campos de concentração alemães. Destina-se também aos antigos algozes. O livro é um testemunho de alguém que se empenha para compreender a fonte de raciocínio daquelas pessoas que se tornaram agentes de toda aquela ignomínia. Nesses termos, o testemunho é apresentado por Seligmann-Silva (2008a) como uma “necessidade absoluta”, condição básica de sobrevivência nos campos de concentração. Arelada à necessidade de testemunhar, o autor chama a atenção para a dialogicidade apresentada pelo próprio Primo Levi (1988) quando este externa em seu testemunho que a “necessidade de contar ‘aos outros’ (...), alcançou entre nós, antes e depois da libertação, caráter de impulso imediato e violento, até o ponto de competir com outras necessidades elementares” (LEVI, 1988, p. 7). Constata-se esse fato no final do livro *A espécie humana: um relato clássico sobre a vida nos campos de concentração*, de Antelme (2013), especificamente quando a segunda guerra termina e os deportados, extremamente doentes, encontram-se com soldados americanos vindos do Texas no campo de Dachau. Alguns prisioneiros começam a relatar coisas ocorridas no campo. Falam sem conseguir parar, com a sensação de ansiedade por possuir um tipo de conhecimento sem finitude, entretanto, de árdua transmissão, dada a falta de interesse do soldado interlocutor.

A partir do exposto, torna-se claro o fato de caracterizar a narrativa de testemunho como fundamental para a sobrevivência daqueles que retornam dos campos de depósito humano. Percebe-se, então, que a escrita do testemunho é caracterizada pelas peculiaridades do sobrevivente, pelo fato da narrativa ter sido vivenciada unicamente pela vítima. Foi este, de forma individualizada, que vivenciou os traumas, na maioria das vezes jamais superados, de um extermínio insano de vidas e de futuros idealizados, violentamente substituídos por massacres, em sua essência mais cruel, jamais povoados no imaginário mais criativo.

Concernente ao testemunho de Primo Levi (1988), havia doze vagões trancados por fora levando 650 prisioneiros com destino a Auschwitz. Homens, mulheres, crianças, idosos e doentes que sofriam com sede, fome e frio e que imploravam por água, entretanto, até um punhado de neve serviria. No entanto,

[...] os soldados da escolta afastavam quem tentasse aproximar-se do comboio. Duas jovens mães, com crianças de peito, queixavam-se dia e noite implorando por água. Havia também a fome, a fadiga, a falta de sono, mas a mesma tensão nervosa as mitigava. As noites, porém, eram pesadelos sem fim. (LEVI, 1988, p. 16)

Por esse viés, torturas, maus tratos, sofrimentos físicos e emocionais, subnutrição, doenças, privação de cuidados higiênicos, segregação multiformes são apenas algumas das condições impostas pelo sistema empedernido de deportação. A separação brusca e violenta dos familiares e a completa carência de notícias da família configura um ato de total aniquilamento da dignidade humana. Interessante se faz destacar o excerto “(...) mas a tensão nervosa as mitigava”. Compreende-se que embora seja um discurso contraditório, constituindo-se um paradoxo pensar que o excesso de dor, fome, sede, frio, tortura física e psíquica sofridas durante a viagem e intensificadas após a chegada em Auschwitz foi a razão de não mergulharem “(...) no vazio de um desespero sem fim. Foi isso. Não a vontade de viver (...)” (*idem*, 1988, p.15).

Baseando-se no testemunho de Antelme (2013), faz-se bastante pertinente entender a não contraditoriedade do discurso apresentado anteriormente no que diz respeito à fome e outros males como impedimento de um desespero ininterrupto. O já citado autor mostra que a vida e a morte ocupavam exatamente o mesmo patamar, sempre, em virtude de a chaminé da cozinha e a chaminé do crematório fumegarem lado a lado, disputando o mesmo espaço físico. Sendo então, possível servirem os ossos dos mortos como ingredientes da sopa dos prisioneiros vivos. A vida e a morte estavam tão interligadas que os dentes de ouro dos mortos se constituíam em moeda de troca por pão dos deportados vivos.

A partir desta abordagem, Primo Levi (1988) relata que aqueles que testemunharam foram exatamente aqueles que conseguiram se manter a uma certa distância do acontecimento. Aqui ele fala de si mesmo. Como químico, ocupou um local de hierarquia no campo. Essa distância possibilitou testemunhar, talvez não de forma integral, já que a própria distância resultou numa visão suavizada dos fatos. Dois anos mais tarde, no livro *Os afogados e os sobreviventes* (1990), ele cita que a história

dos campos de concentração foi escrita quase exclusivamente por aqueles que, como ele próprio, não tatearam seu fundo. Quem o fez, não voltou, ou então sua capacidade de observação ficou paralisada pelo sofrimento e pela incompreensão. Observa-se, que, embora mantendo uma certa distância, a realidade continuava sendo um obstáculo impossível de se transpor. Não seria possível pelo espaço e nem pelo tempo. “Parecia impossível que existisse realmente um mundo e um tempo, a não ser nosso mundo de lama e nosso tempo estéril e estagnado, para o qual já não conseguíamos imaginar um fim” (*idem*, 1988, p. 119).

Diferentemente de *É isto um homem?*, Primo Levi (1988) que abre a narrativa a partir de sua captura pela milícia fascista, Robert Antelme (2013) inicia “*A espécie humana: um relato clássico sobre a vida nos campos de concentração*” dentro do campo de concentração alemão *Buchenwald*, sem cronologia dos fatos. Ao descrever a rotina de confinamento do campo, Antelme (2013) inclui o uso do mictório e da latrina, a coceira e os ferimentos na cabeça e no corpo provocados pela infestação de piolhos, a sopa com muito líquido e poucas batatas como refeição principal, a fome constante a despeito da sopa e do pão que recebiam, as torturas, entre outros atos diários de extermínios que compõem a originalidade do testemunho deste sobrevivente. Referente à singularidade do testemunho, lê-se:

Todo testemunho é único e insubstituível. Esta singularidade absoluta condiz com a singularidade da sua mensagem. Ele anuncia algo excepcional. Por outro lado, é esta mesma singularidade que vai corroer sua relação com o simbólico. A linguagem é um constructo de generalidades, ela é feita de universais. O testemunho como evento singular desafia a linguagem e o ouvinte. (SELIGMANN-SILVA, 2008a, p. 72)

Então, utilizando-se desta relação da linguagem com o simbólico, Antelme (2013) relata sobre sua angustiante experiência com o testemunho logo no prefácio do livro:

Há dois anos, nos primeiros dias após nosso retorno, fomos todos, creio eu, tomados por um verdadeiro delírio. Queríamos falar, ser enfim ouvidos. Disseram-nos que nossa aparência física já era, por si só, bastante eloquente. Mas acabávamos de voltar, trazíamos conosco nossa memória, nossa experiência ainda viva, e experimentávamos um desejo frenético de contá-la exatamente como ela se passara. Entretanto, desde os primeiros dias, parecia impossível superar a distância que descobríamos entre a linguagem de que dispúnhamos e essa experiência que, na maior parte dos casos, ainda operava em nossos corpos. Como nos resignarmos a não tentar explicar como chegáramos àquele estado? No qual ainda estávamos. Contudo, era impossível. Mal começávamos a contar, sufocávamos. A nós mesmos, o que tínhamos a dizer principiava então a nos parecer *ini-*

Após o tão esperado retorno, os sobreviventes descobriram a incapacidade de testemunhar, de fazer uso da linguagem para relatar todos os níveis imagináveis e inimagináveis de opressão. Diante do dilema de querer falar e da impossibilidade de fazê-lo, estava a imaginação. Convo-ca-se a imaginação como um suporte em apoio ao simbólico para combater o trauma (Cf. SELIGMANN-SILVA, 2008a). Tanto no testemunho de Levi (1988) como no testemunho de Antelme (2013), observa-se um sentimento de não mais pertencimento simultâneo à reivindicação de um (re)pertencimento à espécie humana.

Com referência àqueles que em vez de falar, escolheram silenciar, dir-se-ia que poderiam ter tomado tal decisão em virtude de sentirem vergonha por tudo o que o passado tenebroso significou, por entenderem que calar pode funcionar como uma arma para se auto proteger, preservar seus traumas, tentar ocultar o estigma de concentracionário. Referindo-se ao silêncio dos sobreviventes de campos de concentração em relação ao passado na condição de deportados, Pollak (1989) afirma que esse silenciamento está associado à necessidade de descobrir um modo de conviver com as pessoas que acompanharam sua deportação sem causar, ainda que involuntariamente, um sentimento de culpa nessas pessoas. Outro posicionamento do autor acerca desse silenciamento reside no fato de que as próprias vítimas podem nutrir o sentimento de culpa sufocado na memória. Observa-se que o sintagma “culpa” atribuído aos deportados ou aos que presenciaram a deportação continua arraigado na memória da vítima. Dessa maneira, silenciar pode ser uma tentativa de não lembrar, não acionar a memória, deixar as adversidades presenciadas no individual e no coletivo devidamente guardadas na esperança de esquecê-las, uma a uma até serem permanentemente deletadas.

Somadas a essas razões expostas no parágrafo anterior, Pollak (1989) elenca outras, de cunho pessoal. Os pais permanecem em silêncio com o propósito de salvaguardar seus filhos de crescerem com as feridas dos pais na memória. Muitos anos depois, a partir de questões políticas e/ou familiares, ou mesmo quando o momento do desaparecimento natural, quando a perda da vida se aproxima, os pais decidem romper a barreira do silêncio. Resolvem imprimir suas memórias do lado oposto do esquecimento. Paralelamente a esse posicionamento dos pais estão os filhos que desejam saber acerca da fonte dos testemunhos constantes na literatura da Shoah em virtude de tais testemunhos fazerem parte da temática de pesquisa de jovens estudiosos judeus. Testemunhos estes organi-



zados, preservados e propagados por associações de deportados que se dedicam em prol da memória.

De acordo com Figueiredo (2020), o motivo pelo qual muitos escritores da Shoah retardaram a escrever suas narrativas como sobreviventes do martírio dos campos de concentração pode ter sido pelo fato desses ex-deportados necessitarem de tempo para se sentirem social e historicamente apoiados e devidamente legitimados. Porém, pode-se chegar a outra conclusão: “frente à pressão da necessidade e do sofrimento físico, muitos hábitos, muitos instintos sociais são reduzidos ao silêncio” (LEVI, 1988, p. 88). Contudo, o silenciamento sobre o passado (POLLAK, 1989) não conduz ao esquecimento. Este silêncio, de fato, transforma-se em resistência. Consiste na mesma resistência “à fome depois da sopa” (ANTELME, 2013, p. 47) vivenciada por uma categoria que, sem nenhum poder, exibe o silenciamento como oposição ao sobrejuntamento discursivo da classe que detém todo o poder.

Diante da brevidade da vida no Campo, Levi (1988) questiona se realmente vale à pena preservar a memória de uma condição tão inumana para, em seguida, responder convictamente a si mesmo que sim: “(...) nenhuma experiência humana é vazia de conteúdo” (p. 88). Assim sendo, toda e qualquer experiência precisa ser analisada em razão de se poder extrair valores quer sejam positivos ou negativos, no entanto, são valores fundamentais para o universo concentracionário. Afinal, era preciso ter paciência, esperar que uma agrura substituísse a anterior para proporcionar a sensação de liberdade:

[...] É preciso adormecer por dentro, deixar o frio passar como a tortura; depois seremos livres. Apenas até amanhã, até a sopa. Paciência, paciência... Na realidade, depois da sopa, a fome substituirá o frio; depois o frio recomeçará e há de suplantar a fome; mais tarde os piolhos vão substituir o frio e a fome; e depois a raiva sob a pancadaria substituirá os piolhos, o frio e a fome; depois a guerra que não termina vai substituir a raiva, os piolhos, o frio e a fome; e haverá um dia em que o rosto no espelho voltará a berrar ‘Ainda estou aqui’. E todos os momentos que, em sua língua incessante, encobrirão piolhos, morte, fome, rosto; e o espaço intransponível terá, por sua vez, encerrado tudo no círculo das colinas: a igreja onde dormimos, a fábrica, as latrinas, o lugar dos pés e o da pedra que, pesada, congelada, é preciso descolar com as mãos insensíveis, entorpecidas, erguer e jogar na carroça. (ANTELME, 2013, p. 87-8)

Além de simbolizar uma experiência completamente devastadora, os campos de concentração alemães, utilizando a força que lhes é constitutiva, introduzem o impossível no real. O campo “transforma e desarticula o sujeito até a um ponto-limite no qual o nexos entre subjetivação e

dessubjetivação parece romper-se” (AGAMBEN, 2008, p. 149). Assim, Auschwitz retrata não apenas a ignomínia histórica, o campo retrata também a existência do impossível e, conseqüentemente, o aniquilamento do sujeito.

A real motivação que impelia os sobreviventes, objeto desta pesquisa, a continuar lutando contra tal aniquilamento que acontecia de forma lenta e contínua era a reivindicação individual, solitária e atroz de não permanecer como um número tatuado no braço esquerdo e costurado no casaco à altura do peito. O que realmente os motivava consistia em deixar no passado tudo aquilo que os algozes dos campos de concentração da Alemanha nazista chegaram a fazer do homem e reconquistar seus lugares como membros vitalícios da espécie humana.

#### **4. Considerações finais**

Ao refletir sobre a literatura do testemunho, compreende-se que o seu surgimento acontece como consequência da barbárie vivenciada no século XX, marcado por grandes avanços tecnológicos e econômicos, todavia, marcado também por eventos catastróficos devidamente registrados nos anais da História por via da linguagem. A fim de que esses registros acontecessem, foram utilizados dispositivos da memória individual, coletiva e oficial na composição das narrativas que construíram o *corpus* literário dos sobreviventes que decidiram testemunhar. Desse modo, as narrativas aqui apresentadas a partir dos relatos de dois sobreviventes de campos de concentração alemães, compõem o grande acervo da literatura da Shoah. Percebe-se que a memória, a história e a psicanálise se entrecruzam ao longo da narrativa, conduzindo o leitor pelos meandros do testemunho, auxiliando-os a fazer uso do imaginário social simultaneamente ao ato de construção de um conhecimento histórico manchado com o sangue de milhares e milhares de homens, mulheres e crianças da espécie humana.

Encerrado entre os inacessíveis muros da prisão, o prisioneiro sente a necessidade de contar seus dissabores, apesar de ter a consciência deque são inenarráveis. Embora sejam cientes da dificuldade ou impossibilidade de transpor para um papel ou mesmo através da oralidade, as inúmeras situações traumáticas enfrentadas individual e coletivamente. Aliada a essa necessidade tem-se a outra, a necessidade de fazer do outro, um participante de sua narrativa para contribuir no derrocamento dos muros dos campos de concentração a fim de que a realidade de uma vida

sem muros seja uma possibilidade.

Quanto ao silenciamento de um grande número de sobreviventes que optou por não testemunhar as experiências traumáticas vivenciadas nos campos, acredita-se que as razões são muitas. Dentre elas enumera-se a impossibilidade de relatar algo que é da ordem do indizível; a vergonha por compor a lista das vítimas de tão terrível catástrofe; o sentimento de culpa mesmo sem ser culpado; o desejo de resguardar a descendência da família; a negação de uma memória de dores. Afinal, entende-se que a não aquiescência de si mesmo como sobrevivente e, principalmente, como porta-voz da catástrofe, conduz à tentativa do esquecimento, à renúncia da memória.

Enfim, acentua-se que o testemunho é de relevância extrema para a contemporaneidade no sentido da escrita exercer um poder de luta contra o genocídio e demais experiências traumáticas. Faz-se necessário construir um lugar de fala mediante os documentos históricos produzidos pela manifestação da memória, a fim de que esses discursos atuem como arma do testemunho contra a era dos extremos e da barbárie.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGAMBEN, Giorgio. *O que resta de Auschwitz*. São Paulo: Boitempo, 2008.

ANTELME, Robert. *A espécie humana: um relato clássico sobre a vida nos campos de concentração*. Rio de Janeiro: Record, 2013.

FIGUEIREDO, César Alessandro Sagrillo. Literatura do testemunho: a literatura da era das catástrofes. *Revista Entreletras*, v. 11, n. 1, p. 7-27, Araguaína jan./abr. 2020.

LEVI, Primo. *É isto um homem?* Rio de Janeiro: Rocco, 1988.

MARIANI, Bethânia. “A impotência das palavras” e o indizível em morte inventada. Notas sobre alguns testemunhos. In: CAVALLARI, J.S.; BALDINI, L.; BARBAI, M.A. (Orgs). *Discurso e psicanálise: a-versão do sentido*. Campinas-SP: Pontes, 2016.

OLIVEIRA, Lucas Amaral de. *Primo Levi e os rumores da memória: limites e desafios na construção do testemunho*. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo, 2013.

*Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

POLLAK, Michel. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, v. 2, n. 3, Rio de Janeiro, Vértice. p. 3-15, 1989.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. *Narrar o trauma – a questão dos testemunhos de catástrofes históricas*. 2008a.

\_\_\_\_\_. *Testemunho da shoah e literatura*. 2008b. Disponível em: <https://texsituras.files.wordpress.com/2010/03/testemunho-da-shoah-e-literatura-seligmann-silva.pdf>. Acesso em: 24/10/ 2021.